



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE FORMAÇÃO E BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

CAMILA MAYARA VALDEVINO DA SILVA

**ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO
DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS**

CAMPINA GRANDE

2020

CAMILA MAYARA VALDEVINO DA SILVA

**ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO
DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao
Coordenação/Departamento do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador: Prof^o Luann Glauber Rocha Medeiros

CAMPINA GRANDE- PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Camila Mayara Valdevino da.
Assédio moral na relação professor-aluno [manuscrito] : análise do depoimento de alunos universitários / Camila Mayara Valdevino da Silva. - 2020.
43 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2021.
"Orientação : Prof. Me. Luann Glauber Rocha Medeiros , Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Assédio Moral. 2. Violência psicológica. 3. Ambiente acadêmico. I. Título
21. ed. CDD 158.26


CAMILA MAYARA VALDEVINO DA SILVA

ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO
DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.


Aprovada em: 14/12/2020.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Ms. Luann Glauber Rocha Medeiros
(Orientador)



Prof. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros (membro - UEPB)


Prof. Dra. Josevânia da Silva (membro - UEPB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. METODOLOGIA.....	09
2.1 Tipo de Pesquisa.....	09
2.2 População.....	09
2.3 Instrumento de Coleta de Dados.....	10
2.4 Procedimento de Coleta de Dados.....	10
2.5 Processamento de Análise de Dados.....	10
2.6 Aspectos Éticos.....	11
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
4. CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
ANEXOS.....	40

ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

MORAL HARASSMENT IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP: ANALYSIS OF THE TESTIMONY OF UNIVERSITY STUDENTS

Camila Mayara Valdevino da Silva¹

RESUMO

O Assédio Moral é uma conduta abusiva, que humilha, constrange e desestabiliza suas vítimas, esta prática quando encontrada no ambiente acadêmico é ainda mais destrutiva, visto que degrada o sujeito e traz prejuízos ao ensino-aprendizagem. Este trabalho se trata de uma pesquisa de caráter exploratório sobre o tema Assédio Moral, realizada com 19 estudantes universitários do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio de uma entrevista semi-estruturada, utilizando como procedimento a análise de conteúdo. O trabalho teve como objetivo analisar o Assédio Moral na relação professor-aluno na perspectiva de estudantes do Curso de Psicologia. Compreender como ela se dá e as implicações no sujeito assediado, bem como entender seus desdobramentos nesse contexto. Com base nos depoimentos, surgiram 9 categorias de análise, em que foi possível identificar características tipificadoras de Assédio Moral neste ambiente, também constatamos diversos desdobramentos nas vítimas, como por exemplo, sentimentos de autodesvalorização e sentimentos de desistência. Pudemos concluir que a prática é existente e que ela necessita ser discutida, identificada e combatida.

Palavras-chave: Assédio Moral; ambiente acadêmico; violência;

ABSTRACT

Moral Harassment is an abusive conduct that humiliates, embarrasses and destabilizes the victims, this attitude when happens in the academic environment is even more destructive, since it degrades the individual and causes harm to teaching and learning. This work is an exploratory research on the theme Moral Harassment, carried out with 19 university students from the Psychology course at the Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), made out of a semi-structured interview, using content analysis as a procedure. This article aimed to analyze

¹ Graduanda do 10º período do Curso de Bacharelado em Psicologia/ UEPB.
camylamayara.v@gmail.com

Moral Harassment in the teacher-student relationship from the perspective of students of the department of Psychology. Intended to understand how it happens and the implications for the harassed individual, also understand its consequences in this context. Based on the testimonies of the participants, 9 categories of analysis emerged which made possible to identify and typifying characteristics of Moral Harassment in this environment, it was also noticed several consequences in the victims, for example, feelings of self-depreciation and feelings of abandonment. By these results were able to conclude that this attitude exists and it needs to be discussed, identified and combated.

Key words: Moral Harassment; academic environment; violence;

1 INTRODUÇÃO

O Assédio Moral pode ser entendido como qualquer conduta abusiva, que afeta a integridade física ou psíquica de uma pessoa. (GOUVEIA et al, 2012, p. 162). Trata-se de uma forma de violência psicológica utilizada para constranger, humilhar, perseguir de maneira repetitiva e prolongada, para assim fragilizar e desestabilizar a vítima. Consiste em ações abusivas intencionais, em uma violência psicológica sutil e constante, em atos de coação que se manifestam através de ações de exclusão, de desprezo, rejeição, humilhação por parte do assediador, através de gestos, comportamentos, verbalizações e escritos, com o intuito de ridicularizar o sujeito assediado. Uma prática, em sua maioria, envolvendo relações de poder postas em relações hierárquicas. É tão antigo quanto o próprio homem e está presente em todos os grupos sociais (GOUVEIA et al, 2012). “O termo assédio expressa o sentido de insistência inconveniente, uma certa perseguição em relação a outrem. Já o termo moral está relacionado com os princípios ou valores que norteiam as relações, o agir e o pensar dos indivíduos”. (SANTOS, 2005 *apud* PAIXÃO; MELO; SILVA 2011, p. 3).

A discussão do Assédio Moral na literatura recebe também outras denominações em diferentes locais do mundo, como *mobbing*, *bullying*, psicoterror. A nomenclatura adotada no Brasil é o Assédio Moral, que também é conhecido como terror psicológico ou violência psíquica (GOUVEIA et al, 2012).

As características principais do Assédio Moral seriam então o fator degradante em função da prática; situações vexatórias; repetição, pois não se trata de um ato isolado; a intencionalidade, visto que as práticas são deliberadas para atingir um indivíduo ou um grupo; por fim, outro fator importante seria a vítima se sentir assediada. Hirigoyen (2002 *apud* LEITE, 2019, p.12) aponta estágios das consequências psicológicas que o Assédio Moral pode desencadear. O primeiro estágio seria a tentativa por parte da vítima da resolução do conflito, pois ela teme a prática, a mesma nega-se a aceitar o ocorrido e não entende o acontecido. Seguido a isso, a vítima passa ao estágio de submissão, pois ela se sente impotente diante da prática, passando para o estágio do medo, onde a vítima passa ao isolamento, exclusão.

O Assédio Moral se apresenta de algumas formas, de modo horizontal e vertical. O Assédio Moral horizontal ocorre entre pessoas do mesmo nível hierárquico. A forma de

Assédio Moral vertical é subdividida em ascendente e descendente; a ascendente ocorre quando um indivíduo em um nível hierárquico inferior assedia alguém em um nível hierárquico superior. No nível descendente ocorre o extremo oposto, um indivíduo de nível hierárquico superior assedia outrem em um nível hierárquico inferior.

O Assédio Moral não é uma prática exclusiva do ambiente do trabalho, visto que relações hierárquicas não são exclusivas a este ambiente, mesmo assim, há pouquíssima literatura e discussões acerca do tema em outros ambientes. Nas instituições de ensino é possível visualizar tais práticas de diversas formas, de aluno para o professor, de professor para alunos, de alunos com outros alunos. Ainda assim, é quase nula a porcentagem de literatura e estudos sobre o tema especificamente nesse ambiente, principalmente pela dificuldade de caracterizar o assédio nesses contextos.

Este trabalho se propôs a fazer um estudo exploratório sobre a temática no ambiente universitário, considerando como fator principal o Assédio Moral vertical descendente, no que tange como assediador os professores e as vítimas os alunos. Parte-se do pressuposto que é um fenômeno grave que acarreta em danos físicos, morais e psicológicos para o sujeito assediado.

No assédio descendente observam-se práticas tais como alijamento de atividades especiais, reprimendas repetitivas, críticas constantes ao comportamento do aluno, critérios não equitativos de correções de trabalhos, provas, discriminação étnica, religiosa, social, por origem, incluindo discriminação contra estrangeiros ou alunos procedentes de outras regiões do mesmo país, entre outras. (GALLINDO, 2009, p.24)

O Assédio Moral descendente é o tipo mais comum de assédio, que envolve a relação hierárquica entre as partes e o agressor é superior à vítima. O assédio nesse caso ocorre quando o agressor passa a usar de sua posição para submeter a vítima a constrangimentos, tais como impor funções que não são dele, submeter a prazos absurdos e também humilhações e desprezo pela vítima, realizando críticas públicas para constranger e desqualificar. No ambiente acadêmico, pode ocorrer de diferentes modos, como na relação estabelecida entre professores e alunos, a referida prática pode ocorrer de forma verticalizada.

Apesar de não haver muitos estudos nesse ambiente, como já supracitado, Coleta e Miranda (s/d) realizaram uma pesquisa sobre o tema em Instituições de Ensino Superior. Neste estudo surgiram 12 categorias de situações de constrangimento e humilhação de

professores para com alunos, caracterizando o Assédio Moral. São elas: a *agressão física e agressão verbal aos alunos*, que são autoexplicativas; *ameaças aos alunos*, descrita como uma ameaça de dificultar provas, reprovação e até expulsão; *acusação agressiva e sem provas*, seria alegar de maneira agressiva que os alunos estão colando ou copiando, sem provas do ocorrido; *assédio sexual*, propostas de relações sexuais, inclusive em favor de notas; *comentários depreciativos, preconceituosos ou indecorosos*, trata-se de comentários sobre orientação sexual, credo religioso, local de origem e até das habilidades do aluno; *tratamento discriminatório e excludente*, refere-se a um tratamento diferenciado por conta da aparência, situação socioeconômica, facilidade em aprender, até por conta da idade em que o aluno está; *rebaixamento da capacidade cognitiva dos alunos*, comparações, ridicularizar, rebaixar os alunos, fazer comentários públicos sobre o desempenho; *desinteresse e omissão*, não se interessam e são omissos às dúvidas e desenvolvimento das aulas; *uso inadequado de instrumentos pedagógicos, prejudicando os alunos*, não buscam explicar, orientar o conteúdo e as atividades passadas, aplicar provas com tempo de resolução injusta, ou dificultá-la para punir; *recusa em realizar seu trabalho*, em que se negam a responder dúvidas, colocando que são desnecessárias e *abandono do trabalho em sala de aula*, descrita como o abandono da sala de aula por motivos injustificados. (COLETA; MIRANDA NETO, s/d, p.6-7)

O desempenho nas atividades acadêmicas é bastante afetado por condições estressantes, demanda do aluno o cumprimento de uma longa carga horária, diversas atividades com prazos a serem cumpridos e um desempenho esperado. Tendo isso em vista, as condições emocionais, psicológicas e físicas desses sujeitos necessitam serem pensadas. O estresse no ambiente acadêmico tem potencializado sentimentos de inutilidade no sujeito frente essas atividades, fazendo com que o mesmo possa desenvolver problemas advindos do estresse como baixa capacidade de concentração e memorização, favorecendo a diminuição do rendimento acadêmico (MONTEIRO; FREITAS; RIBEIRO, 2007). O Assédio Moral, como falado anteriormente, se trata de uma prática abusiva que traz diversas consequências para o sujeito assediado, imaginar sua ocorrência no ambiente acadêmico se mostra bastante preocupante, visto que esse ambiente já é, por si só, bastante estressante para o sujeito.

As consequências de práticas abusivas são demasiadamente graves e pode acarretar no abandono do curso até o sofrimento psíquico mais grave. Villaça e Palácios (2010, p.507-508) mencionam que o termo “abuso”, difundido na década de 80, surgiu para descrever situações de violência sofridas por estudantes de medicina na escola médica, sendo

os agressores em sua maioria docentes e colegas da escola médica que promoviam abusos verbais e físicos, situações de humilhação e intimidação. As repercussões nesses estudantes foram a depressão e o alcoolismo, além do desejo de abandonar a carreira.

Nesse sentido, este trabalho objetiva analisar o Assédio Moral na relação professor-aluno na perspectiva de estudantes do Curso de Psicologia, assim, compreender como ela se dá e as implicações no sujeito assediado, bem como entender seus desdobramentos nesse contexto.. Justifica-se, então, a relevância social e científica sobre o Assédio nesse ambiente, acreditando que a falta de conhecimento sobre a temática e suas consequências fazem com que mais casos ocorram.

2 METODOLOGIA

2.1-Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, transversal, com abordagem qualitativa.

2.2-População

Os participantes da pesquisa foram 19 alunos do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sendo 4 do gênero masculino e 15 do gênero feminino, com idades entre 18 e 29 anos, de vários períodos do curso, sendo 6 (seis) do 1º; 1 (um) do 7º e do 9º; 3 (três) do 8º e 6 (seis) do 10º; Utilizamos como critério de exclusão e inclusão foi que os participantes fossem do curso de Psicologia da UEPB e maiores de 18 anos, a pesquisa foi divulgada e os participantes entraram em contato para participar, foi utilizada a técnica de “bola de neve”, que consiste em um tipo de amostragem não probabilística, que ocorre quando indivíduos que se voluntariaram a participar, convidam outros até atingir um “ponto de saturação”.

2.3-Instrumento de coleta de dados

A pesquisa foi divulgada em redes sociais e em grupos de *whatsapp* de turmas do curso de psicologia da UEPB, por intermédio do CA (Gestão Nise da Silveira), que disponibilizaram contatos do pesquisador. Utilizou-se de uma entrevista semi-estruturada, onde a mesma utiliza de um roteiro para guiar a entrevista (Anexo A). A entrevista semi-estruturada está focada em um assunto sobre o qual produzimos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. (MANZINI, 1990/1991, p.154 *apud* MANZINI, 2004).

2.4- Procedimentos de coleta de dados

A entrevista foi realizada online por meio de áudio-chamada no serviço do *meet*, alternativa encontrada devido à pandemia de COVID-19. Os participantes se comunicaram através dos contatos divulgados e foi marcada a entrevista individual realizada online via *meet* (sem uso de câmera). A mesma foi gravada mediante autorização dos entrevistados por meio do TCLE (Anexo B) e do termo de consentimento de gravação (Anexo C), sendo transcrita de maneira literal e submetida a análise.

2.5-Processamento e análise dos dados

Laville e Dionne (1999), propõe uma análise de conteúdo, tendo o intuito de tornar os dados brutos significativos, buscando fazer um estudo minucioso desses dados e assim extrair seu significado em torno de suas ideias principais.

Seguiram-se etapas para o processo de análise, foram realizadas uma leitura cuidadosa dos materiais e assim um recorte dos conteúdos, que consiste em desagrupar os relatos para depois restaurá-los para assim melhor expressar os significados que marcam os discursos. O tipo de recorte determina a análise dos dados e conseqüentemente a conclusão que se terá deles. “Os elementos assim recortados vão constituir as unidades de análise, ditas também unidades de classificação ou de registro”(LAVILLE; DIONNE, 1999, p.216). Neste trabalho

o recorte se deu de acordo com temas, que seriam fragmentos do discurso que se assemelham em uma ideia particular. (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Passamos para a definição das categorias analíticas e assim organizar estes conteúdos de acordo com a aproximação de sentido. Os autores apontam três modos de realizar a definição, o modelo aberto, em que as categorias não são fixas, o modelo fechado que já de início o pesquisador define categorias apoiadas em uma teoria e modelo misto, que também seleciona as categorias de início, mas modificam-se se necessário. (LAVILLE; DIONNE, 1999). O modelo utilizado nesta pesquisa foi o modelo aberto.

A última etapa proposta pelos autores se refere a categorização final das unidades de análise. Trata-se de considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios gerais de análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 223 *apud* SILVA et al, 2005, p. 76). Utilizamos da análise e interpretação qualitativa de conteúdo, em que “o pesquisador decide prender-se as nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem.”(LAVILLE; DIONNE, 1999, p.227).

2.6-Aspectos Éticos

O presente trabalho foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da RESOLUÇÃO 466/2012. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como o termo de consentimento de gravação, foi enviado ao participante por meio de um formulário online, onde o mesmo voluntariamente aceitou participar da entrevista e permitiu que a mesma fosse gravada. O material coletado foi de uso exclusivo do pesquisador, sendo utilizado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização deste trabalho e de publicações que dela resultem.

A pesquisa teve riscos mínimos para os participantes, buscamos garantir que em todo o processo esses riscos fossem minimizados, bem como nos empenhamos em manter um contato seguro e claro e também que o sigilo e a participação voluntária fossem preservadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a o processamento e análise dos dados, surgiram 9 categorias temáticas, sistematizada da seguinte forma: Perspectivas sobre Assédio Moral; Repetição e Reprodução do Modelo; Desvalidação; Invasão de Privacidade; Situações Vexatórias; Aversão ao Contexto Acadêmico; Sentimentos de Desvalia; Medo e Impotência; e Gestão. Apresenta-se também falas que não se encaixaram em nenhuma das categorias descritas por se tratarem de questões particulares, mas que são importantes para a discussão.

Perspectivas Sobre Assédio Moral

A maioria dos entrevistados nomeou o Assédio Moral relacionando-o a hierarquização e relações de poder. Eles ressaltam que o assediador se utilizaria de sua posição hierárquica e consequentemente dotada de poder, dado por um cargo, para subjugar, tirar vantagem ou constranger outrem.

[...] ...eu acredito que venha a partir de alguma relação hierárquica que a pessoa esteja, o assediador está numa relação de poder em relação a outra pessoa, a pessoa assediada. (**Participante 3**)

Na fala do *Participante 3*, é possível perceber uma relação direta entre hierarquia e poder, sendo o poder dado pela posição hierárquica em que ela está, segundo o trecho. Na fala do *Participante 4*, também é atribuído da mesma forma:

[...] ...quando eu penso em assédio moral ele também vem carregado de formas de poder, de como...quem tá numa posição de assédio ela tem determinados poder sobre quem está sendo assediado, e muitas vezes esse poder é visto como o dever dessa pessoa que está assediando como é a função que essa pessoa tem, é o papel que essa pessoa ocupa. (**Participante 4**)

O mesmo também coloca que esse poder é visto como o ‘dever’, como ‘função’, ‘papel’ dessa pessoa, ou seja, seria implícito ao cargo que esta pessoa ocupa. Nesse sentido, o cargo estaria acompanhado do exercício do poder sobre outrem. Observando que as instituições de ensino, por muito tempo, colocaram como função do professor exercer determinada autoridade para com os alunos e que as relações de ensino se estabelecem de

maneira verticalizada, em que o professor seria o detentor de saber e o aluno apenas um receptor, podemos compreender que essa função do exercício do poder, nessa formulação, é então atribuída a este cargo.

Eu entendo que assédio moral é tudo aquilo que envolve um sentimento de constrangimento em detrimento de uma relação de poder. Tudo que...tudo que está hierarquicamente acima que causa sofrimento a quem está em situações inferiores eu entendo que é [...] eu entendo que é como assédio, mas acredito que pode ocorrer também de baixo pra cima, não tenho certeza. **(Participante 11)**

Na fala acima, o *Participante 11* atribui que o Assédio Moral envolve atos que causem sofrimento a alguém em uma situação inferior hierarquicamente, decorrente de uma relação de poder. Como falado anteriormente, o Assédio Moral descendente é um dos mais comuns. Nessa conjuntura, a vítima tem menor ação de reagir por medo de sofrer represálias, visto que o assediador detém de um poder deliberado, o sofrimento decorrente são inúmeros devido à essa menor reação.

[...] ...eu entendo como um abuso de poder...é...que se caracteriza muitas vezes por uma autoritarismo ou por uma intimidação de uma pessoa que se coloca superior a outra por conta de níveis hierárquicos ou cargos de poder dentro de algum...dentro de alguma instituição. **(Participante 16)**

Na fala acima, o *Participante 16* posiciona que esse ‘abuso de poder’, advindo do Assédio Moral, pode se caracterizar por um ‘autoritarismo’, havendo uma linha tênue entre autoridade e autoritarismo que abrem espaço para tais relações de poder. Carvalho, Tivane e Barbosa (2016, p.118) apontam que autoridade e autoritarismo têm similaridade semântica, mas contém significado diferente; autoridade seria um direito de se fazer obedecer, seria uma autorização para o exercício de um poder dialógico, enquanto o autoritarismo seria uma arbitrariedade do poder, envolvendo a ausência de diálogo.

Segundo Paixão et al (2013, p.519), “Embora não haja uma relação hierárquica como a existente entre chefes e empregados de empresas, os professores assumem uma posição superior em relação ao aluno”. Segundo o autor, isso ocorre muitas vezes devido a anuência da instituição de ensino em relação aos professores, essa atitude é muitas vezes confundida com poder deliberado.

Mauro Azevedo Moura (*apud* GALLINDO, 2009, p.17) define o assediador como “alguém que não pode existir senão pelo rebaixamento de outros, pois tem necessidade de

demonstrar poder e para ter uma boa auto-estima”. Segundo ele, o assediador tem dificuldade de assumir erros e não valoriza quem os cerca, por isso buscaria desmotivar e destratar os outros.

Na avaliação das falas que compõem esta categoria, pudemos notar que a maioria dos participantes vêem o Assédio Moral como sendo uma prática abusiva, em que o assediador, em geral está numa situação hierárquica acima do sujeito assediado, e se utiliza deste lugar privilegiado para manter práticas abusivas, seja pelo fato da violação de seus direitos pessoais, seja pelo fato de as solicitações estarem além da relação de trabalho ou de ensino-aprendizagem ali estabelecidas.

Repetição e Reprodução Do Modelo

Esta categoria diz respeito à violência como uma reprodução de um modelo. Constata-se, de acordo com os relatos, que a violência é repetição de algo que foi vivenciado pelos assediadores em sua formação e como uma reprodução de um modelo tradicional de ensino.

Nas falas a seguir os participantes refletem sobre a possibilidade da repetição de um modelo que os docentes possam ter vivenciado:

[...] ...eu penso que poderia minimizar a médio e longo prazo seria mudar a dinâmica e o lugar que as pós-graduações tem, de mestrado e doutorado e pós-doutorado também, porque eu acredito que também seja uma repetição do que esses professores passaram na pós-graduação deles. **(Participante 1)**

O *Participante 1* propõe como algo que poderia diminuir a ocorrência de situações de Assédio Moral a mudança do *status quo* das pós-graduações, como são tituladas, além do modo como elas são realizadas, atribui que esse professores podem estar repetindo um modelo de assédio que possam ter passado com seus respectivos professores na época, ou seja, esses docentes que praticam assédio após a mudança de aluno para então professor introjetaria esse modelo de ensino abusivo, em uma relação de autoritarismo, e repetiria com seus alunos. O *Participante 4* acredita que:

[...] ...eu acho que é muito fácil uma pessoa que foi assediada se ela não ter consciência que o assédio é um forma de sofrimento, de que o assédio é uma forma de opressão e de que essas formas de opressões elas não precisam ser reproduzidas pra ser determinadas como um bom professor, como alguém que detém um poder, que detém um saber. **(Participante 4)**

O mesmo dispõe que devido ao sujeito assediado não realizar uma reflexão crítica sobre aquilo que vivenciou, ele tende a repetir aquele modelo. Freire (1987, n.p.) em sua obra “*Pedagogia do Oprimido*” aponta que os oprimidos primeiramente ao invés de buscar libertação tendem a ser opressores também, assumem uma postura chamada por ele de “aderência” ao opressor. O autor também pontua que o conhecimento de si enquanto oprimidos encontram-se prejudicados por estarem imersos nessa opressão. “Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros”. Nesta perspectiva o aluno assediado, não tendo uma visão crítica da situação vivenciada, busca tornar-se o seu contrário (o opressor) ou pior que ele.

Os entrevistados também formularam reflexões sobre a possibilidade desta prática ser derivada do modelo de ensino tradicional, que determina como um professor deve se portar e que esta forma relacional seria introjetada pelo docente que reproduz este modelo, como observado na fala do *Participante 3* e do *Participante 4*:

Eu acho que sim, eu acho que pode ser sim, muito esse discurso assim de “há, quando eu passei era fácil” ou “eu passei por tais coisas”, você acaba reproduzindo certas coisas eu acho, determinados comportamentos. **(Participante 3)**

Eu mesmo me coloco nesse lugar porque, eu sempre achei que era tipo “há é a função de determinado...de um professor, no caso, cobrar muito de um aluno, porque é cobrando de um aluno que o aluno vai se desenvolver. [...] Eu acho que é bem estrutural sim, [...] ser uma estrutura, e pensar fora desta estrutura, eu acho que é ainda difícil, porque quando você pára e pensa tipo: o que é que um professor deve fazer na sala de aula? O professor ele deve ensinar, o professor ele deve ser rígido, porque é a função dele. **(Participante 4)**

Nas falas acima, os participantes colocam a questão deste modelo tradicional de ensino, onde se torna função do professor exercer um poder, a relação é vertical, de cima para baixo, algo já falado anteriormente na categoria anterior.

[...] ...eu acho que é um processo de autoconhecimento deles mesmo, porque eles foram criados em uma situação, em uma...eles tiveram uma criação diferente da nossa, a gente já nasceu já com algumas...algumas...alguns detalhes sobre isso, então a gente consegue identificar, às vezes eles, por mais que eles sejam psicólogos, eles são humanos, muitas vezes eles não percebem tanto o que eles reproduzem, mas tem que ter um processo de autoconhecimento, de auto-análise constante [...] Porque eu...eles são os professores, enfim em tudo, eles são o modelo, eles reproduzem uma...um comportamento de assédio moral ou de qualquer outro, os alunos eles têm uma propensão de agir da mesma forma, porque a gente é moldado por eles também, então, tem gente que não tem o senso crítico de...de fazer diferente do que tá aí, só reproduz.. **(Participante 12)**

Na fala acima, o *Participante 12*, coloca explicitamente a necessidade de uma autocrítica por parte dos docentes, no sentido de pensarem sua prática, as mudanças sociais, bem como as relações de ensino atualmente, em que predomina a horizontalidade das relações. Elucida também para o fato de que eles são modelos para os seus alunos, atos de Assédio Moral podem ser devastadoras e comprometem o processo de educação, além de prejudicar a relação de professor-aluno.

Segundo Jorge Forbes (2006 *apud* GALLINDO, 2009, p.17) tanto as relações interpessoais quanto as relações de trabalho se davam de maneira verticalizada, mas que a sociedade atual se organiza de maneira horizontal. “A participação das pessoas é esperada e valorizada o que difere de antigamente, onde as pessoas eram meras cumpridoras do dever ou, no caso da educação, receptoras do saber”.

Coleta e Miranda (s/d, p.11), apontam para o fato de que mesmo não havendo intenção do docente, as situações vexatórias ocorrem e o discente sente-se assediado. De acordo com os autores é “provável que os docentes ao constranger e humilhar seus alunos estejam agindo por defesa e, os discentes na posição de vítima, percebam estas atitudes como ataque”. Isso não anularia a caracterização do Assédio Moral, uma vez que “muitas vezes o agressor nem percebe que seu ato está infligindo ao outro uma situação de desqualificação e ou humilhação, o que não elimina a sensação de degradação vivida pela vítima” (MUNIZ; MACHADO; VIEIRA, s/d, n.p.).

Analisando as falas que integram esta categoria, pudemos perceber que a maioria dos participantes acreditam na necessidade de uma reflexão crítica acerca do que se vivencia e do que se pratica. Para alguns, isso implica sair de um lugar de privilégio, requer disposição e abertura de quem está nessa posição. Os alunos colocam ainda que mesmo sendo algo estrutural, imposto a estes docentes como função de seu cargo, essa estrutura pode e deve ser rompida, para assim também romper com a estrutura de poder que abrem espaço para que situações de violência ocorram.

Desvalidação

A escolha do uso do termo Desvalidação está ligada ao seu significado semântico, podendo ser definido como uma ação de tornar inválido, anular, tirar a relevância ou

importância de algo ou alguém, desmerecer. O termo então abrange o que pretende a categoria.

A partir de questões norteadoras ocorridas nas entrevistas, os participantes relataram diversas situações por parte dos docentes:

Ela, me negava e me negligenciava, e que eu percebia também nisso uma relação de racismo. E isso foi ficando mais evidente quando eu falei com colegas que também (*inaudível*), eu trabalhei com ela mais de um ano e ela nunca lembrava meu nome, ela nunca falava comigo diretamente, ela nunca reportava ou perguntava a alguém o que eu fazia, além de negligenciar e negar né? que eu já falei, e era como se eu não soubesse nunca ou que eu não devesse saber nunca também. (**Participante 1**)

O *Participante 1* relata que a docente o ‘negava’ e ‘negligenciava’, exemplifica essas ações pelo fato da mesma não falar com ele diretamente, nem lembrar seu nome, apesar de um grande tempo juntos. Essas ações são consideradas de Desvalidação pela obstinação da docente em desmerecê-lo, negá-lo. O entrevistado aponta também que sentiu nessas ações uma relação de racismo, uma das faces cruéis do Assédio Moral.

Eu já vi pessoas passando, no sentido de, acabar tendo crise de choro na frente da outra pessoa, porque ela colocou...ela colocou níveis muito...pressões muito grandes que não eram necessárias ou colocou a outra pessoa em posições que são humilhantes, fazer deboche ou... criar situações de deboche, humilhação em relação a tarefas que tinha proposto ou por exemplo, sempre criticar, a pessoa nunca tá satisfeita com aquilo que colocou pra você, ou ela aproveitar da posição de poder pra questões mínimas assim, como por exemplo, o que ela fala ou como ela se posiciona em relação a você, ou o que ela diz pra você fazer, porque ela sabe sobre determinado assunto. (**Participante 3**)

[...] ...rolava uma exclusão sabe? A forma como ela falava comigo, a forma como ela me olhava, a forma como ela designava as tarefas que tinha que fazer...com tom de deboche sabe? (**Participante 17**)

Nos relatos dos *Participantes 3 e 17*, é possível perceber ações de discriminação e desmerecimento por partes dos docentes, ou seja, desvalidam estes sujeitos, não dão importância pelo bem-estar dos estudantes e criam situações de sofrimento. Também foram constatadas atitudes e gestos sutis característicos do Assédio Moral, na medida que os entrevistados relataram sentir também um tratamento diferenciado, discriminatório e excludente, desinteresse e omissão por parte dos docentes nas situações.

O relato do *Participante 2*, a seguir, também se trata de situações de Desvalidação:

[...] ...eu não notava muito bem eu..., achava, sei lá, que ela tava brincando comigo sabe?! Porque ela sempre queria tipo provar de onde eu tirava a informação... e... ela ficava me perguntando demais tudo que eu falava em

sala de aula, tipo “Você viu isso aonde?” e “Quem lhe disse isso?”[...] Um dia ela fez um seminário, que acho que esse foi o pior de todos, ela fez o seminário e aí, eu tava com texto e tal, tava tudo certinho e eu tava falando, aí ela pegou e falou “E você tirou isso da onde?” no meio do seminário, ela interrompeu e perguntou de onde é que eu tinha tirado isso, aí eu falei “professora, do texto que a senhora me passou”, aí ela ficou “E quem escreveu o texto?” “Cadê o texto?” “Foi eu que passei esse texto mesmo?”.

(Participante 2)

A Desvalidação acontece quando o docente desacredita o aluno, de modo a fazer críticas públicas sobre o que ele está apresentando, constrangedo-o na frente de todos. Ocorre um desmerecimento do conhecimento do aluno acerca de algo que foi dado pelo próprio professor, além de novamente um tratamento discriminatório e excludente. É comum também os sujeitos assediados acharem que tais situações são brincadeiras, “esse fenômeno surge a partir de algo inofensivo e evolui insidiosamente.” (GOUVEIA et al, 2012, p.163).

[...] ...na minha sala tem um professor que não deixa as pessoas se expressarem muito bem, então, quando alguém fala ele acaba que interrompe e não dá essa liberdade da pessoa tirar dúvida, fala pra tirar dúvida e ele meio que não responde a dúvida. **(Participante 6)**

[...] ...a turma não tava compreendendo muito bem o que ele tava falando e a gente foi pedir um auxílio e ele basicamente humilhou a turma como se a gente não tivesse direito de dúvida, como se a gente não tivesse espaço pra dúvida e toda e qualquer palavra que saísse da boca dele devesse ser 100% compreensível, como se qualquer dúvida que a gente tivesse ali fosse errada e qualquer palavra que ele proferisse é a verdade entende? Que ele não...essa pessoa não queria ser desmerecida...eu não diria desmerecida, mas que discordassem dele sabe? Queria que qualquer coisa que ele falasse a gente concordasse. **(Participante 7)**

Nas falas acima, os *Participantes 6 e 7*, relatam situações em que o professor não dá importância às dúvidas colocadas por eles. Essa ação pode ser compreendida como uma forma do docente desmerecer os alunos se recusando a realizar o seu trabalho. A Desvalidação ocorre no ato do professor em não dar relevância ao processo educativo dos discentes, como deveria, invalidando as questões trazidas por eles e não admitindo dúvidas, que é algo esperado no processo educativo.

[...] ...porque todas as vezes que eu mandava mensagem no privado pra ela, ela respondia me chamando de...assim ela não chegava e dizia “você é burra”, não, ela não dizia que eu era burra, mas ela usava umas palavras requintadas pra insinuar que eu sou incapaz?! E aí eu ficava me sentindo muito mal. Ou...simplesmente teve uma vez...foi absurdo, absurdo porque ela implicou com uma palavra e ela queria que eu colocasse a outra palavra [...] ela implicou com aquilo e ela fez um textão, meu Deus, ela fez um textão dizendo que eu era incapaz e eu fiquei muito muito mal com aquilo. **(Participante 9)**

Na fala acima do *Participante 9*, a Desvalidação ocorre no desmerecimento em relação a capacidade cognitiva do aluno ao insinuar que este é incapaz.

[...] ...a gente tava apresentando um trabalho, uma apresentação de seminário e...e aí tipo, chegou a vez de eu falar da minha parte da apresentação né, aí...[...] e aí ela às vezes tomava pra fazer um comentário ou outro e tudo mais né, [...] assim que eu terminei de apresentar, essa pessoa começou a fazer comentários de tipo... como se fosse é...descredibilizando a minha fala sabe? No sentido de ficar dizendo “É, mas a gente sabe que não é bem assim”. [...] o comentário foi nitidamente muito infeliz e desconfortável, assim como meus colegas perceberam também, foi como se essa pessoa estivesse falando no sentido que a minha fala estava errada, de que a minha apresentação não estava sendo bem feita né, que a compreensão que eu tive não foi muito bem correta, digamos né. **(Participante 19)**

Observa-se na fala acima do *Participante 19*, a presença de outras caracterizações do Assédio Moral através de atos de Desvalidação, é possível constatar atitudes que visam a descredibilização do saber, onde o docente desmerece o conhecimento do aluno, além do constrangimento público presente novamente. Salientamos também que críticas são naturais no processo acadêmico, essa descredibilização e desmerecimento ocorrem no modo como elas são apontadas, o modo agressivo e humilhante de tecer tais críticas.

Raymundo Lima (2003) discute que a escola e a universidade são espaços que supostamente reina-se a razão, mas que na realidade prática é um espaço dotado de preconceitos, estigmatização e estereótipos, em todos os tipos de relações estabelecidas nesses espaços. Ainda segundo o autor aponta que “os sinais mais freqüentes acontecem através do olhar, do distanciamento do corpo, das palavras [...] geralmente feito em forma de cochicho, de meias palavras, insinuações e, nos casos mais graves, através de atos de exclusão camuflados hoje tipificados de “assédio moral”.” (LIMA, 2003, n.p.)

Todas essas situações caracterizam ações de constrangimento e humilhação provenientes do Assédio Moral, como exposto no estudo de Coleta e Miranda (s/d). Pudemos constatar, na avaliação dos relatos que estas agressões são realizadas através de atos de Desvalidação, seja pelo fatos dos docentes invalidarem, desmerecerem e serem omissos aos alunos de modo que os desestabilizam, seja pelo fato dos docentes subjugar-los enaltecendo seus próprios conhecimentos, colocando suas dúvidas e conhecimentos como não relevantes, pois os consideram incapazes.

Invasão De Privacidade

Esta categoria demonstra algumas das situações que os alunos relatam terem sofrido com os seus assediadores, demonstra nos conteúdos das falas uma invasão da privacidade dos alunos, de modo a ligar em horários indevidos, cobrar atividades e/ou resoluções de problemas em horários inapropriados, ser intrusivo e cobrar respostas imediatas:

[...] ...ela mandou o áudio de 2 minutos, eu tinha comprado pizza, eu tava em casa, ai eu tinha falado, ela tinha mandado mensagem no grupo sabe?! sobre coisas pra fazer, ai eu não tinha entendi, falei “não entendi isso”.[...] Porque ela sempre foi de cobrar uma responsabilidade em horários muito loucos. [...] E meus amigos, eu tipo, eu já vi amigos que passaram por essa situação, tipo, professores que eram muito intrusivos em relação a horários, colocava coisas pra final de semana, ficava ligando o tempo inteiro pra achar a pessoa, ou tipo, sumia durante semanas e falava “não, eu quero isso pra segunda feira”, passava tipo num sábado à noite, você tinha que passar sabe?! (**Participante 2**)

Na fala do *Participante 2*, constata-se que a docente utiliza de instrumentos de comunicação, utilizados para facilitar o acesso aos alunos, para cobrar destes em horários inadequados. O entrevistado mostra-se bastante incomodado por ser interrompido e cobrado em momentos de lazer. O *Participante 18* relata uma situação com sua colega, onde percebemos o mesmo padrão:

[...] ...situação que foi bem pra o final do período assim com uma amiga minha, hoje a gente não é tão próxima, mas na época a gente era bem mais próxima. E ai foi com um professor, uma situação de...que o professor ficava ligando pra essa aluna, porque ele acabou tendo uma aproximação maior com ela e usava essa desculpa dessa comunicação com ela pra falar com a turma, enfim, complicações. Só que ai isso começou a ir pra outros pontos né, tipo ligar em horários indevidos e tudo mais. (**Participante 18**)

Também foi relatado pelo *Participante 9* uma situação de Invasão de Privacidade, preferimos não colocar a fala deste entrevistado na íntegra, pois trata-se de uma situação muito específica e mesmo que o anonimato seja mantido há a possibilidade deste ser identificado. Diante disso, faremos então uma descrição do relato. O participante relata duas situações: a primeira situação conta que um docente mandava mensagens constantemente para ele em um momento indevido. Após muita insistência, o participante responde dizendo estar impossibilitado de responder no momento. Após poucos minutos o docente liga incessantemente para o participante até o mesmo se ver forçado a encerrar o que estava

fazendo e atender. Em uma outra situação, o participante conta que foi obrigado a ligar em um horário inconveniente para um colega, a pedido insistente da docente e que ao não conseguir o contato, foi culpabilizado e tratado mal pela docente em questão. Podemos perceber pelo relato uma insistência por parte do docente em ser atendido de imediato quando for solicitado.

Todas as obras referenciadas neste trabalho apontam como fato característico do Assédio Moral esta imposição do cumprimento de horários injustos e a cobrança de disponibilidade imediata.

Na análise das falas que compõem esta categoria, pudemos evidenciar um desconforto dos alunos com a invasão relatada, seja por cumprirem a carga horária pedida no curso e não quererem se dispor ainda mais na sua vida pessoal, seja por não acharem justo ou saudável estarem totalmente disponíveis as vontades do docente.

Situações Vexatórias

Tendo em vista que uma situação é vexatória quando causa humilhação, vergonha e degradação a alguém ou grupo de pessoas, essa categoria reuniu relatos que versam sobre situações vexatórias.

Esta categoria demonstra algumas das situações que os alunos relatam terem sofrido com os seus assediadores:

[...] ...ele cortou minha frase no meio, entendeu o que ele quis da frase e começou a gritar comigo, começou a gritar comigo, assim, aqui na reunião e ele tava com a câmera ligada, ele começou a apontar o dedo pra câmera como se tivesse apontando o dedo pra minha cara sabe? E daí eu tentando falar, explicar que ele tinha cortado a minha frase no meio e ele fez 'xiii' pra eu calar a boca, ele fez 'xiiii', **pediu pra eu calar a boca** (*enfática*). (**Participante 7**, grifo nosso)

[...] ...um dos chefes na época, chegou a literalmente me gritar na frente de outros professores e alunos. (**Participante 11**)

Nas fala acima, o *Participante 7*, conta pelo constrangimento que passou em uma reunião em que o professor chega a gritar com o aluno. O docente faz diversas imposições agressivas para que o aluno não fale, tornando a situação vexatória. A agressão pública também é visualizada no relato do *Participante 11*.

[...] ...nos encontros que ela me chama atenção na frente de todo mundo, me averte assim de uma forma muito brusca, muito incisiva, do nada, só

assim: fulana...eu abaixei a cabeça...sei lá..tô olhando o chão...ai fulana isso. É muito complicado, muito constrangedor. (**Participante 9**)

Na fala do *Participante 9*, observa-se também o uso do constrangimento público, relata que em qualquer situação é advertida bruscamente pela docente, mesmo que não esteja fazendo nada que demande uma advertência.

Os discentes nas situações relatadas foram destratados, constrangidos, humilhados, características tipificadoras de Assédio Moral. Em todas as situações os docentes falaram de maneira agressiva com os alunos, os colocando em Situações Vexatórias. Muniz, Machado e Vieira, (s/d) afirmam que “a utilização de comportamentos abusivos, desqualificações pessoais, gritos e em alguns casos, a violência física” tem crescido em diversos segmentos e inclusive nas instituições de ensino.

Pudemos entender, a partir da avaliação das falas que integram esta categoria, que os discentes sentiram-se imersos em Situações Vexatórias, ou seja, em situações humilhantes, degradantes e que lhes causaram vergonha, pelo modo agressivo que os professores se dirigiram a eles, por sentirem-se humilhados nessas situações, ou por não esperarem tal postura vinda de um professor, seja por estas situações ocorrerem de forma pública, o que torna as situações ainda mais constrangedoras.

Aversão Ao Contexto Acadêmico

A aversão pode ser definida como uma ação de repulsar ou repelir, direcionado a algo ou alguém. Nesta categoria, foi possível observar uma aversão dos alunos em consequência as situações de Assédio Moral:

[...] ...eu passei a odiar a abordagem dela, criei uma aversão a essa abordagem, eu passei a odiar os termos que ela usava e a fala dela e aí eu ficava “será se eu quero isso mesmo?”, fiquei me questionando se eu queria o curso mesmo. (**Participante 1**)

[...] ...por muito tempo, eu não gostava da matéria que ela tinha dado, sabe?! tipo, eu tinha uma aversão muito grande, eu sabia muita coisa, mas eu ficava “não, isso não é ok”, essa abordagem, nunca na minha vida quero participar dessa abordagem. (**Participante 2**)

Nas falas acima, os *Participantes 1 e 2*, em consequências ao Assédio Moral gerou neles uma aversão a abordagem dos professores que os assediaram. O *Participante 1* chegou a pensar em desistir do curso.

[...] ...a turma criou um bloqueio com esse professor até atualmente mesmo

porque a gente ainda tá tendo aula com ele, então, quem participa muito da aula dele. Então acaba que fica algumas...porque algumas pessoas ficam com medo de tirar dúvidas porque ele é realmente muito rude sabe?! [...] ninguém se sente a vontade de participar da aula dele e acaba se tornando uma aula meio exaustiva sabe? (**Participante 6**)

O *Participante 6* relata que após a agressão que ocorreu com a sua turma eles criaram uma aversão à aula que o professor em questão leciona. Depois do ocorrido os alunos ficaram receosos, com medo que a situação ocorra novamente. O *Participante 7*, na fala a seguir, também relata uma aversão à matéria lecionada pelo professor.

E acabou que eu fui pegando meio que um desgosto da matéria, eu não consigo...não consegui mais...é uma matéria que eu gostava muito e não conseguia mais estudar sobre ela sabe? Não me sentia mais engajada na matéria, isso me desmotivou muito. (**Participante 7**)

Após a agressão o aluno se sentiu desmotivado em relação à matéria. O Assédio Moral é uma agressão que afeta profundamente o processo educacional, como fica explícito nas falas.

[...] ...os alunos estavam muito inseguros. E aí muitos alunos querendo desistir da cadeira, dizendo “Ah, não dá mais, eu quero desistir.” e tal, e uma cadeira que é importante pra o curso né, que às vezes pra você recuperar lá na frente é difícil porque os horários não batem e enfim. E querendo ou não a gente tava mais perto do final né, a gente daqui a pouco termina o período. E aí tava nessa de tipo quer desistir, os alunos não estavam querendo assistir aula. E não queriam assistir a aula depois dessa, porque eles já estavam tão desgastados que diziam ‘não, eu quero sei lá...dormir’, sabe? Eu acho que é um...afeta muito. (**Participante 18**)

O *Participante 18* relata uma aversão que gerou na turma após a agressão e também que os estudantes chegaram a pensar em desistir da matéria. Ele relata que a aula deixa-os bastante desgastados.

A aversão é uma reação esperada diante de situações que o sujeito se sente mal, humilhado, constrangido. Nas situações de Assédio Moral as vítimas num primeiro momento não entendem porque aquilo está acontecendo, ou não identificam que está sendo assediada. Cabe ressaltar as diversas consequências decorridas do Assédio Moral, como as pontuadas por Hirigoyen (2002 *apud* LEITE, 2019, p.12), ao apresentar os diversos estágios em que “o desconforto culmina no isolamento ou no rompimento com aquela situação. Isso pode levar o assediado a abandonar o curso ou, até mesmo o professor ou funcionário abandonar seu trabalho”. Pode-se verificar nos trechos o sentimento de querer romper com aquela situação. As pessoas não queriam estar naquele ambiente ou com o assediador propriamente dito e

começam a questionar porque estão ali, sentem-se desmotivados e começam a pensar em desistir da matéria ou mesmo do curso.

Na avaliação das falas que compõem a categoria, pudemos constatar que após sofrerem atos de Assédio Moral, gerou nos alunos uma Aversão ao Contexto Acadêmico, contexto este em que o professor se encontra ou a ele propriamente. Essa aversão ocorre quer seja por medo de ocorrer novamente, por sentirem-se desmotivados à continuar nesta situação e o desejo de romper com a circunstância.

Sentimentos de Desvalia

O Sentimento de Desvalia diz respeito a uma crença de desvalor, de desamparo do próprio sujeito assediado sobre si.

A partir de questões norteadoras e proveniente da análise de dados, manifestou-se uma outra consequência de situações de Assédio Moral, os sentimentos de desvalia por parte da maioria dos alunos entrevistados:

[...] ...fiquei me questionando se eu queria o curso mesmo, que área eu seguiria se eu continuasse e eu ficava “eu não sou muito bom né, por isso que isso acontece”, ficava questionando, me questionando. (**Participante 1**)

Nessa época eu fiquei me questionando muito do meu trabalho, tipo “eu acho que eu sou uma péssima aluna”. (**Participante 2**)

Observa-se nas falas acima dos *Participante 1 e 2* esse sentimento, em que eles começam a questionar o seu valor enquanto estudantes, demonstram duvidar de suas capacidades e desempenho. Algo explicitado também na fala do *Participante 3*:

[...] ...nas pessoas que eu vi isso abalou muito emocionalmente e em mim isso me marcou mais no sentido da minha incapacidade, porque assim eu fiquei achando realmente que eu (*inaudível*) depois desses eventos que aconteceram, eu me senti como se eu não fosse tão capaz ou se talvez aquele lugar não fosse pra mim. (**Participante 3**)

O entrevistado aponta o abalo emocional causado pela situação de Assédio Moral e conta que afetou a percepção que tem de sua capacidade, questionando também se deveria estar no curso, ou seja, presença do Sentimento de Desvalia.

[...] ...quando ela fala esse tipo de coisa eu fico me sentindo muito mal, eu fico me sentindo incapaz e eu não tenho vontade de produzir nada, eu tenho

medo de produzir qualquer coisa com ela porque não são críticas positivas, são críticas que me colocam pra baixo. [...] Eu me sinto muito inferior, e até dentro da sala de aula sabe? as vezes eu vou fazer uma colocação e é como se ela viesse à minha cabeça e eu sentisse que a minha colocação é muito insignificante, que ela é muito burra, às vezes eu abro a boca e começo a falar e é como se os pensamentos saíssem da minha cabeça, eu esqueço completamente o que eu ia falar, que eu fico com medo de ser rechaçada como eu sou rechaçada com ela. **(Participante 9)**

Na fala acima, o *Participante 9* conta o quanto se sentiu afetado pela situação que vivenciou. O desvalor está presente no relato quando o mesmo fala sobre sentir-se incapaz, inferior, as crenças sobre si são imersas nesse desvalor. Também pode ser observado no relato que este desvalor perpassou as situações com o professor assediador. Mesmo em outras situações o participante tende a duvidar de sua capacidade e competência. Na fala do *Participante 15*, a seguir, o entrevistado relata ter sua autoestima afetada pelo que sofreu, por sentir que não poderia mudar uma característica.

[...] ...mexe muito com a autoestima né, porque você pensa que o erro tá em você, você fica tentando melhorar algo que não dá pra mudar que é algo seu. **(Participante 15)**

No relato do *Participante 17*, também questiona sua capacidade e competência:

E isso me fazia sentir como se eu não fizesse parte do grupo e como se eu não fizesse parte porque eu era incapaz, tipo, como se eu não fosse inteligente pra tá ali. [...] isso reforçou muito mais porque eu me sentia...burra, incapaz né. Se uma professora me acha incapaz de tá num grupo misto dos outros numa extensão...o que é que eu tô fazendo no curso né? Não só por ela, mas tipo, se ela acha isso tem uma base. **(Participante 17)**

Observa-se também que o mesmo coloca que a situação com o professor reforçou as crenças de desvalor que já sentia e revela a força que as palavras do docente teceu sobre ele, pois enxerga que o professor teria ‘uma base’ para questionar sua capacidade. Fica explícito como o sentimento de incapacidade foi introjetado por eles após sofrer situações de Assédio Moral. Também foi possível também observar nas falas a presença, como na última categoria, do sentimento de tentar romper com as situações de assédio.

Hirigoyen (*apud* GALLINDO, 2009, p.39) dispõe que o Assédio Moral na medida em que sua interrupção não ocorre, se torna “um processo singular, no qual a pessoa se transforma naquilo de que é acusada. É o resultado do poder das palavras as quais, por imposição transformam o outro”. Lima (2003, n.p.) salienta que a “vítima não sabendo como reagir, introjeta o estigma, terminando por achar-se merecedora da rejeição”, ou seja, após

constantemente ouvir e ser tratado como alguém sem capacidade, sem competências acabam por introjetar e acreditar no que lhe foi atribuído.

Considerando a análise das falas que integram esta categoria, constatamos que o Assédio Moral é uma violência que desestabiliza o sujeito. Os entrevistados começaram a duvidar de suas capacidades e competências enquanto estudantes, seja por começarem a acreditar naquilo que lhe foi atribuído pelo assediador, seja pela crença de desvalor reforçar algo que já sentiam sobre si. Acreditamos que essas crenças podem perpassar o ambiente acadêmico, caso não trabalhado, pois trata-se de uma alteração de como eles se enxergam, podendo repercutir a longo prazo.

Medo e Impotência

O Medo e a Impotência, aqui trabalhadas nesta categoria, fazem referência aos sentimentos que surgem diante da agressão, os sujeitos sentem medo de sofrer represálias do assediador e conseqüentemente impotência diante da situação.

Os entrevistados descrevem como se sentiram e como agiram nas situações que sofreram, relatam sentir medo e impotência diante da agressão:

Eu enquanto estudante, bater de frente com um professor que tem determinado poder sobre...dentro dos meios acadêmicos [...] pra mim funciona muito na mesma lógica de *bullying*, que é tipo, o agressor, a vítima e nesse meio tem os espectadores, que hora vão ter medo...não vão se posicionar porque tem medo de ser a próxima vítima, então assim o assédio pra mim vai funcionar da mesma forma. [...] querendo ou não a gente sabe que existe poderes dentro da universidade, então um professor pode me prejudicar [...] e o professor me coloca numa posição constrangedora e eu aceito essa situação constrangedora por medo de sofrer mais represália e por medo de ser prejudicado [...] E aí vem muito a ideia do medo, vou denunciar, vou fazer um...vou denunciar aqui o professor junto a ouvidoria e depois da ouvidoria o que vai ser feito (**Participante 4**)

Na fala acima, o *Participante 4* aponta que alguém que chegue a presenciar situações de Assédio Moral, com outras pessoas, tem medo de se posicionar por receio de ser a próxima vítima. Conta que os docentes detêm de um poder, dentro da academia, de prejudicá-los, chega a aceitar determinadas situações constrangedoras para que as coisas não piores ainda mais.

[...] ...a gente ficou se sentindo impotente de fazer alguma coisa a partir disso e isso gerou outros incômodos assim. (**Participante 5**)

[...] ...eu fiquei com tanto medo dele simplesmente punir a turma por conta de mim, por eu ser a representante, por eu ser ali o (*inaudível*) da turma, eu simplesmente tentei tipo, conver...explicar a situação, tentei acalmar ele, ele o tempo todo sendo muito rude. (**Participante 7**)

Nos relatos acima, o *Participantes 5* conta sobre o sentimento de impotência diante da situação que sofreu, que acaba se perpetuando em outros incômodos. O *Participante 7* relata o que sentiu em uma situação que representava sua turma, em que sentiu medo de que sua turma sofresse represálias do professor.

Eu tenho medo de falar perto dela, eu tenho medo de falar o nome dela e ela aparecer. E eu tipo, to falando no departamento, eu olho pra os lados...eu fico com medo, eu realmente tenho medo, eu tenho medo de ficar sozinha com ela. Eu tenho medo...como é que você tem medo de ficar sozinha com uma pessoa ali, com a sua professora, com uma pessoa que era pra tá orientando você, porque eu tenho medo do que ela vai me dizer, eu tenho medo de como ela vai agir. [...] Eu fico com medo...eu realmente...eu tenho medo de falar alguma coisa e ser mal interpretada e a situação virar muito pior do que já é. (**Participante 9**)

Pode-se observar na fala acima, *Participante 9*, um medo bastante generalizado em relação a docente que a assedia. O entrevistado demonstra ficar em constante alerta, um medo constante de uma próxima agressão. O *Participante 10*, na fala a seguir, relata temer ser descoberto ao denunciar a agressão:

[...] ...se eu tivesse a coragem suficiente de ir atrás, por exemplo da coordenação ou alguma coisa do tipo, a consequência seria ruim eu acho, no sentido do professor descobrir que foi eu que falei, causar algum mal entendido, alguma coisa do tipo sabe? (**Participante 10**)

Na fala do participante fica explícito também o medo de sofrer represálias. Medo presente também na fala seguinte:

[...] ...os alunos começaram a falar de uma angústia muito grande, [...] a professora se preocupou na hora e os alunos relataram né, que o professor estava sendo extremamente rigoroso, grosso com eles, estava perseguindo alguns alunos sabe, situações absurdas mesmo. [...] os alunos tava se vi...vendo sem ter o que fazer sabe? tendo que aceitar, foi que a professora insistiu e disse não, vocês precisam falar, procurem a coordenação né, tratem desses assuntos, ai eles “não, mas a gente tem medo do professor perseguir a gente ainda mais”. (**Participante 18**)

Na fala, o entrevistado relata um desabafo de uma turma ao relatar em determinada aula uma angústia por conta da perseguição de um docente para com eles. Relata que eles sentem medo de denunciar agressão por medo de uma maior perseguição.

Hirigoyen (2002 *apud* LEITE, 2019, p.12), aponta que “na fase do medo, o assediado mantém-se alerta e adota um comportamento de ostracismo”, ou seja, ela busca cada vez mais se isolar para evitar as agressões.

Ao avaliar as falas que abrangem esta categoria, pudemos observar que os discentes sentem medo e impotência diante das situações sofridas por medo dessas situações piorarem e eles sofrerem ainda mais, por não se sentirem seguros para denunciar as agressões, e por não sentirem que a situação seria resolvida por parte da gestão.

Gestão

Esta categoria surge a partir do conteúdo comum de grande parte das entrevistas:

[...] ...eu acredito que o papel seria esse mesmo de prevenir adoecimento, de prevenção em saúde mental que a academia erra muito nisso, muito! [...] é o papel das instituições seria de realmente fomentar prevenção em saúde mental, estratégias de...de mudança acadêmica. [...] eu não vou saber muito bem responder não, qual seria as melhores estratégias não, mas eu acredito que é essa mudança de paradigma sabe? e de perspectiva em relação ao compromisso social e ético da nossa profissão, porque isso não cabe em psicologia, não é um fazer da psicologia, não é uma práxis da Psicologia, então. **(Participante 1)**

No relato acima, o *Participante 1* coloca que a Gestão é obsoleta em ações de prevenção ao adoecimentos dos alunos, aponta que as práticas de Assédio Moral não deveriam existir num curso de Psicologia e ressalta a necessidade de estimular o compromisso social e ético como forma de combater tais práticas. O *Participante 2*, na fala a seguir, também pontua a necessidade de uma discussão acerca do tema:

[...] ...eu acho que esse debate poderia ser muito mais ampliado, inclusive... inclusive não, especialmente no nosso curso sabe?! tipo, a gente estuda Psicologia. [...] Eu acho que podia ter palestras sobre, tipo, num sei...é... entre alunos e professores também, ter palestras só pra professores sabe?! **(Participante 2)**

Aponta inclusive a necessidade dessa discussão chegar aos professores, pois muitas vezes palestras e eventos desse tipo de discussão é direcionada apenas aos alunos.

Ampliando os canais de comunicação, porque...ao meu ver, na minha opinião, é a maior problemática ali, dentro do contexto acadêmico como um todo, não somente no departamento de Psicologia, mas a nível de pró-reitorias, é...eu vejo que é como se existisse uma resistência desses

setores administrativos em dialogar com os estudantes. (**Participante 11**)

[...] ...criar um ambiente acolhedor mesmo, que o aluno se sinta confortável né? pra chegar e falar, caso ele tenha sofrido isso de forma isolada, chegar não só pra um amigo, mas também chegar pra um professor mais discreto...outro professor né, as vezes depois disso chegar na coordenação, perceber que tem essa abertura sabe? (**Participante 18**)

Os *Participantes 11 e 18* apontam a necessidade do diálogo no combate às práticas de Assédio Moral. O *Participante 18* pontua também que se deve ter um ambiente propício para as denúncias acontecerem, ou seja, que o sujeito se sinta assegurado.

Leite (2019) aponta que “para os que convivem com a violência, há quatro posturas possíveis: estimular, consentir, negligenciar ou combater”. O autor posiciona ainda que o combate seria a única destas posturas que poderia minimizar e de afastar-se de ser conivente com tais posturas violentas. A autora também aponta que a criação e instituição de políticas públicas que combatam essa prática é fundamental e que a eficácia destas políticas dependem da eficiência da gestão (LEITE, 2019, p.8-9). Villaça e Palácios (2010, p.512) também apresentam que a abertura de diálogo e estratégias de enfrentamento realizadas pela a instituição seriam as respostas fundamentais para estas situações de Assédio Moral.

Outras falas observadas que também interpõe sobre a gestão:

Eu acho que eles poderiam fazer o papel mais de conscientização sabe?! E também de fiscalização, porque as instâncias maiores dentro do departamento estão sempre muito amigas dos professores que fazem isso, então como é que você vai falar pra uma pessoa que tem uma responsabilidade maior no departamento, mal de um professor que é amigo dele sabe?! E tem muito essa camaradagem, então acho que tipo, eles podiam fazer um papel mais neutro também sabe?! (**Participante 2**)

Na fala acima, o *Participante 2*, ressalta o dever das instâncias fiscalizarem a conduta dos docentes e apontam como problemática a amizade entre as partes, gestão e docência, pois não se sentem seguros em denunciar os agressores por não observarem uma isenção da gestão.

Porque se o professor recebe muitas queixas pelos alunos e nada é feito é porque tem alguma coisa errada, então acredito muito que isso deve partir primeiramente pra coordenação do curso. (**Participante 6**)

Eu acho que se a coordenação desse mais ouvido pra reclamação dos alunos sabe? Porque já aconteceu desse professor antes fazer coisa pior com outra turma e ele continua lecionando e da mesma forma que ele fez pior com outra turma, ele tá fazendo pior velado dessa vez com a gente, porque ele foi afastado, mas ele voltou e como é que a gente vai provar que ele age com a gente dessa forma sendo que ele não grava as aulas? entende? e ele não grava, ele não deixa de gravar a toa, ele deixa de gravar justamente por

conta disso. E como é que...se a coordenação desse ouvido pra os alunos e entendesse que ali é o nosso espaço que tá ganhando entende? (**Participante 7**)

Os *Participantes 6 e 7*, deixam explicitado que os casos de Assédio Moral são reincidentes por parte destes professores e que nada foi feito pela gestão. Também sentem que estas instâncias não dão ouvidos às reclamações, pois os docentes continuam reincidindo.

[...] ...têm lá a questão no final do semestre, onde pode escrever alguma coisa, mas eu já escrevi várias críticas sobre os professores, já escrevi elogios, escrevi coisas que eu acho que deveriam ser revistas e não aconteceu nada sabe? Tem professores extremamente problemáticos no departamento da gente e não acontece nada, pra que você dar um espaço de fala pras pessoas, é só pra elas pensarem: “caramba, eu posso falar isso aqui que tá me acontecendo”, e eu fico pensando de aonde essas informações chegam, como elas chegam, porque no departamento da gente tem muito isso do disse me disse, do amiguismo ali, tal coisa. (**Participante 9**)

O *Participante 9* destaca que o recurso disponibilizado pela instituição para que os alunos avaliem os professores semestralmente, mas que nunca foi feito nada com as informações passadas. Também aponta sobre a problemática da amizade entre eles.

Assim, sendo bem sincera, esse professor já teve muitas reclamações, não sei se sobre essas coisas especificamente, mas já teve. Eu fiquei sabendo, já teve, já teve até abaixo-assinado pra tipo, tentar substituir ele e tal e só deu muito errado, ficou pior ainda pelo que eu fiquei sabendo, então na prática, não sei muito o que funcionaria com esse professor. (**Participante 10**)

No trecho acima, o *Participante 10* também ressalta o número extenso de queixas de determinados professores, relata inclusive a existência de um abaixo-assinado realizado pelos próprios estudantes, mas que não obteve resultados.

Eu acho que tem uma importância muito grande deles né, porque, primeiro que é a...quem você recorre, tipo pra chefia ou coordenação, mas é um negócio que...**todo mundo sabe quem é a professora tá ligado?** (*enfática*) é (*fala nome da professora*), tô falando de (*fala nome da professora*) professora, aí gente, todo mundo sabe de coisas que (*fala nome da professora*) fez com vários alunos tá ligado? E tipo...eles sabem, a chefia sabe e tipo, não muda nada tá ligado? [...] Porque não é com eles, não é uma coisa que interfere na vida deles, eles tem um lugar muito confortável, que eles não passar por isso e...e também é uma relação...existe uma relação entre eles, entre os professores e tal. [...] é uma coisa que...tem uma passividade muito grande deles...uma falsa empatia também né. Eu fico pensando, ela já tá lá a quantos anos tá ligado? Imagina quanta gente já passou pela mesma coisa tá ligado? E não mudou nada, não teve uma notificação pra ela tão concreta assim sei lá...eu soube que tem processos rolando aí no departamento, não sei nada concreto. (**Participante 15**, grifo nosso)

Na fala acima, novamente fica explícito a reincidência dos casos de Assédio Moral, sem resoluções por parte da gestão. O *Participante 15* ainda levanta uma questão, se pergunta sobre quantos mais já foram vítimas desses mesmos docentes. Além disso, os entrevistados situam uma anuência da gestão em relação ao corpo docente e atribuem esta anuência a amizade entre gestão e professores.

Nunes, Tolfo e Espinosa (2016 *apud* LEITE, 2019, p.18) apontam meios que devem estar presentes no combate e prevenção ao Assédio Moral no ambiente universitário, iniciam expressando a necessidade do respeito e da tolerância à diversidade, que os conflitos devem ser aceitos e bem resolvidos. Apontam para a necessidade de um olhar as vulnerabilidades e necessidades especiais, “além da garantia de que os gestores tenham treinamento e capacidade para administrar conflitos e de que a instituição tenha metas, regras e responsabilidades claras, bem como ética de trabalho”.

Na análise das falas que integram esta categoria, é possível constatar que os discentes não se sentem seguros para denunciar as situações de violência que sofreram, seja devido à esta relação entre gestão e professores, seja devido às reincidências de casos de conhecimento de todos. De fato, a relação entre professores e gestão deve ser pacífica, de companheirismo, mas esta relação não pode ser confundida com poder deliberado, em que os docentes se sintam autorizados a assediar os alunos.

Aqui serão apresentadas falas importantes que não se encaixaram em nenhuma categoria exposta, mas que ajudarão na discussão e reflexão da temática trabalhada.

Nas falas a seguir, os alunos entrevistados relatam situações insalubres, em que as condições seriam prejudiciais a sua saúde mental:

Eu acho que muita ansiedade, muita ansiedade pra meus amigos do curso é...muita insegurança colocada em cheque (...) E...é isso que eu posso dizer, muita ansiedade e insegurança, já fez as pessoas chorarem, por exemplo, essa professora nunca me fez chorar né, mas chegou ao extremo de meus amigos chorarem na frente dela ou escondido dela. (**Participante 1**)

Na fala acima, o *Participante 1*, relata que sente ‘ansiedade’ e ‘insegurança’ decorrentes da situação que sofreu. O *Participante 3*, no trecho a seguir, também relata que

entra em um processo de sofrimento após a agressão:

[...] ...o que ela fala ou como ela se posiciona em relação a você, ou o que ela diz pra você fazer, porque ela sabe sobre determinado assunto, tudo isso pra deixar você em posições que acabam, não sei se é intencional, mas acabam deixando você em posições desconfortáveis e você se sente muito mal assim, você fica, você realmente entra num processo de sofrimento assim. **(Participante 3)**

O participante ainda questiona a intencionalidade do assediador, visto que se trata de uma violência sutil, tornando difícil para o sujeito assediado identificar e aceitar o Assédio.

Hirigoyen (*apud* GALLINDO, 2009) salienta que os sintomas, no indivíduo vitimado, são semelhantes ao estresse, ocorrem perturbações no funcionamento do organismo, como distúrbios de sono etc. É a forma que o organismo busca para se adaptar para conseguir enfrentar, mas que o “estresse originado pelo assédio moral, acrescenta-se o sentimento de impotência, da humilhação e a ideia de que ‘isto não é normal!’.” (HIRIGOYEN *apud* GALLINDO, 2009, p.39).

O Assédio Moral influencia negativamente o desenvolvimento dos processos de educação, “e, uma vez abalada a boa relação entre os indivíduos, a saúde psíquica de alunos e dos agentes envolvidos fica severamente comprometida” (PAIXÃO, et al, 2013 *apud* LEITE, 2019, p.12). Segundo Caran (2007, p.68) os sintomas mais comuns encontrados nas vítimas de Assédio Moral vão de queixas de perturbações emocionais, “como cansaço, nervosismo, distúrbios de sono [...] depressão e estresse pós traumático, pois o assédio moral impõe à pessoa cenas de violência e humilhação, como flashbacks dolorosos e difíceis de serem esquecidos”. O autor também aponta que os danos provocados por essa agressão são reações psicopatológicas, psicossomáticas e de comportamento. Tudo isso pode ser observado no conteúdo dos relatos dos entrevistados.

Nas falas a seguir, os entrevistados comentam acerca do quanto as práticas de Assédio Moral afetaram sua vida acadêmica:

Naquele ano, essa situação...essas situações que eu passei com ela dificultaram é...minha vida no curso, não diretamente no curso todo, mas como eu me via frente às dificuldades no curso. **(Participante 1)**

[...] ...foi primeira experiência fora de sala de aula, então, eu tenho certeza que se eu tivesse me sentido mais segura, tivesse tido uma base melhor assim teórica, se eu tivesse um apoio, se eu tivesse...sei lá sabe...tipo, como eu vejo com os outros alunos que também era do grupo, a minha segurança pra lidar com o resto do curso seria muito melhor, eu ia ter uma estabilidade muito maior também, sei lá...com certeza eu me senti muito mais insegura, até pra apresentar trabalho. **(Participante 17)**

Nas falas acima, os *Participante 1 e 17*, colocam como a violência que passaram interferiu no desenvolvimento e desempenho acadêmico, sentiram dificuldade maior frente às situações que ocorriam na academia e no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

As práticas de Assédio Moral afetam profundamente o processo educacional, ela degrada as relações de qualquer ambiente em que se encontra. Gouveia (2012, p.165) destaca que “o aluno vítima de tal prática passa a ter dificuldades para construir o conhecimento e a ter bloqueios psicológicos e graves sequelas na sua saúde, o que repercute na sua vida pessoal e como futuro profissional”.

No seguinte relato, o *Participante 9* relata uma situação em que se sentiu constrangido pela professora:

[...] ...veio ao tema questão de racismo, esse tipo de coisa e mesmo a gente estando falando de racismo era como se como ela queria deslegitimar sabe? algumas coisas do racismo. E ai depois de toda uma conversa falando sobre empoderamento, em algum momento dessa conversa chegou sobre meu cabelo e ai ela falou assim: “porque você não alisa seu cabelo?”, e ai eu fiquei pensando né, porque se eu quisesse tava alisado, é meio que implícito ali, e ai ela ficou insistindo, insistindo e falando que ela tinha amigas negras e que as amigas dela negras elas alisavam o cabelo e tal, e ai ficou aquele clima de constrangimento. (**Participante 9**)

Na fala acima, percebemos uma das faces mais vis do Assédio Moral, qual seja, a crítica a características pessoais ou morfológicas do sujeito, o que pode levar à consequências psicológicas no que diz respeito à construção de sua auto-imagem, além também, de na fala em específico, percebermos que a desqualificação poderia estar associada ainda a uma questão étnica, posto a característica do cabelo da participante, que neste caso é sugerido que ele seja “alisado”. Gallindo (2009, p.24) assinala que “no assédio descendente observam-se práticas tais [...] discriminação étnica, religiosa, social, por origem”.

Nas falas a seguir, os entrevistados pontuam como esse tipo de violência é sutil e silenciosa:

[...] ...é um discurso muito velado, muitas vezes, é um discurso que vem em entrelinhas, é um assédio, que muitas vezes vem de forma tão suave que você não percebe. (**Participante 4**)

Porque todos os professores são...sabem tratar com educação, sabem velar muito bem a forma como tratar bem ou mal o aluno, então, tipo, é como se fosse assediar alguém com muito...com muita educação sabe? ai você escuta e você não sabe se isso é um conselho, se é um toque tipo: ele já passou por isso, já estive na minha pele agora tá sendo...tá jogando na cara de uma forma mais direta sabe? Então você sempre fica muito: isso foi o que? (**Participante 17**)

Nos relatos acima, os *Participantes 4 e 17*, apontam esta sutileza, em que o discurso do agressor é cuidadoso, educado, ou seja, de difícil identificação.

Gouveia (2011, p.165) pontua que “no meio educacional, o assédio moral ocorre sorrateiramente e de maneira disfarçada”. Barreto (2005) também coloca que essa prática inicia de modo sutil, de forma invisível para aquele que está sofrendo e para quem testemunha o fato, podendo ser discreto e indireto. Esse fato torna bastante difícil a identificação da agressão, principalmente no ambiente acadêmico em que muitos aspectos são normalizados.

Alguns entrevistados apontam a necessidade de informação e discussões sobre essa temática no ambiente acadêmico:

A gente pagar ética, a gente ter um componente de ética, na...nos primeiros períodos que a gente não tem, pra gente entender essas relações, os comportamentos, posturas, profissionais, profissionalismos, condutas morais, condutas éticas e...a gente não tem isso, eu acho que deixa a gente defasado. (**Participante 1**)

O *Participante 1* aponta a necessidade de um componente disciplinar de ética, retrata a necessidade de identificar condutas aéticas, imorais. Estudar e refletir sobre ética ajudaria não somente na identificação dessas práticas, mas também na construção de uma cidadania que refletiria sobre posturas, discriminações e condutas sociais, étnicas.

[...] ...eu acho que pra mim é um desafio reconhecer as formas de assédio moral, porque pra mim sempre foi muito dinâmico as relações de poder. (**Participante 4**)

[...] ...uma das coisas que talvez teria me ajudado, não só a mim, mas as pessoas que estavam em volta a mim naquele primeiro período, era...sei lá...se a gente tivesse tido uma aula ou alguma exposição sobre isso sabe? [...] E aí você é...passa por essas situações e você não reconhece, eu mesmo não reconheci que era e talvez se tivesse tido um momento de explicar esses pontos chaves sabe? o que é assédio...não só o moral, o sexual e tudo mais, o que isso? como reconhecer? e tudo mais. Eu acho que teria sido um ponto interessante, não vou dizer que iria resolver né que eu entendendo isso eu ia ter uma atitude, mas eu acho que aquilo poderia ficar na minha cabeça e eu poderia dizer “não, isso não foi culpa minha, nem por nada, foi uma situação de assédio”, enfim, eu acho que seria um ponto sabe? que teria ajudado bastante essa coisa do conhecer o que é. (**Participante 18**)

Nas falas dos *Participante 4 e 18*, eles também apontam que uma discussão maior sobre o assunto ajudaria os sujeitos a identificarem tais práticas.

Houveram entrevistas em que os participantes não sabiam o que era Assédio Moral, descreveram situações de Assédio Sexual. Isso nos traz a tona a necessidade de processos que

capacitem esses sujeitos para identificar agressões que venham a sofrer, não só de Assédio Moral, mas todos os tipos de violência, para assim saberem identificar, pois a identificação da agressão pelo sujeito assediado é fundamental.

Como falado anteriormente, a criação e implementação de políticas públicas que intervenham nesses espaços é colocada por muitos autores como a melhor forma de combater esta prática. Leite (2019, p.16) coloca que as instituições podem “oportunizar a criação de espaços públicos, ou espaços de discussão, que possam existir dentro das próprias instituições”, onde todos possam expressar suas questões.

Pudemos observar a partir dessas falas que ocorreram diversos desdobramentos nas pessoas que passaram por isso e a necessária ampliação da discussão desta temática nesse ambiente, as falas apresentadas reforçam a necessidade de se pensar e refletir as relações que são estabelecidas nesse contexto, como elas se dão, em que tipo de conduta, quais os subsídios que esses sujeitos têm.

4 CONCLUSÃO

Com base na análise dos depoimentos dado pelos estudantes, pudemos constatar a presença de características tipificadoras de Assédio Moral presentes nos fatos relatados, confirmando a existência desta prática no ambiente acadêmico dos estudantes do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. Os fatos relatados pelos estudantes durante a ocorrência da entrevista foram facilmente evocados por eles, mesmo sendo dura a lembrança, não tiveram dificuldade em lembrar do ocorrido.

Em consonância à análise categorial, constatamos que os discentes percebem o Assédio Moral como uma prática abusiva, em que o assediador encontra-se em uma situação hierárquica superior alicerçada pelas relações de poder estabelecidas. Acreditam que para romper com esta estrutura, o ponto de partida estaria na reflexão crítica do *status quo* dado a estes cargos, assim rompendo com as relações de poder.

Foi observada que esta violência é realizada através de atos de desvalidação, que visam invalidar e desmerecer os estudantes, a fim de desestabilizá-los e assim isolá-los, características tipificadoras do Assédio Moral. Tal prática também se deu através de atos de invasão de privacidade e em situações vexatórias, os dois casos são dotados de desconfortos e

processos de degradação dos sujeitos assediados provocados pelos professores, os discentes sentem-se humilhados e constrangidos.

Como consequência desses atos, foi observado nas pessoas que sofreram a presença de uma aversão ao contexto em que o agressor se encontra, a matéria em que este leciona, sua aula, abordagem e até ao próprio docente. Também se encontra a presença do desejo de romper com a situação, de modo a abandonar a disciplina ou até o curso. Outra consequência bastante presente na maioria dos entrevistados foi o sentimento de desvalor, onde estes discentes, em decorrência da agressão, começaram a duvidar de suas capacidades e competência, prejudicando a visão que eles têm de si, questão essa que pode repercutir em sua vida fora da graduação.

Ao abordarmos as formas de prevenção dessas práticas, os discentes apontaram sentir medo de represálias de seus agressores, sentindo-se então impotentes em denunciar para os órgãos gestores, relataram não se sentir seguros para tal. Ao citar a gestão, os estudantes pontuaram esta insegurança em denunciar os casos, apontam isso ao fato dos casos serem conhecidos e reincidentes destes professores que assediam e que não observaram a devida apuração e resolução por parte destas instâncias.

Também refletimos sobre o acontecimento de um prática como esta no curso de Psicologia, considerando que os docentes, aqui colocados, também são psicólogos. Tendo em vista que a natureza da Psicologia e que seu código de ética propõe que se deve pautar sua atuação no respeito ao sujeito e seus direitos fundamentais.

Assim, concluímos que o Assédio Moral no ambiente acadêmico é um fato existente que demanda maiores discussões e estudos sobre o tema neste ambiente. Os desdobramentos dessa prática no ambiente educacional pode se tornar devastador, contribui significativamente para a evasão do ensino superior e traz prejuízos graves para a saúde mental dos estudantes, além de deteriorar o ensino-aprendizagem. O ambiente acadêmico requer estímulos ao desenvolvimento, ao protagonismo e potência destes sujeitos em formação, o combate a esta prática é primordial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Margarida Maria Silveira. **Assédio Moral: a violência sutil – Análise epidemiológica e psicossocial no trabalho no Brasil.** Dissertação de Doutorado. PUC – SP. 2005. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17370>> Acessado em: 18/12/20

CARAN, Vânia Cláudia Spoti. **Riscos psicossociais e assédio moral no contexto acadêmico.** São Paulo: USP, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem Fundamental, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-07012008-134033/pt-br.php>> Acessado em: 18/12/20

CARVALHO, João W. Savino; TIVANE, E. Machikane; BARBOSA, Aline G. A prática docente na educação superior e o desafio da autoridade sem autoritarismo. **Ensino Em Re-Vista.** Uberlândia, MG, v.23, n.1, p.109-134, jan./jun. 2016. Disponível em <DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ER-v23n1a2016-6>> Acesso em: 01/12/20

COLETA, José Augusto Dela; MIRANDA, Henrique C. Neto de. **O REBAIXAMENTO COGNITIVO, A AGRESSÃO VERBAL E OUTROS CONSTRANGIMENTOS E HUMILHAÇÕES: O ASSÉDIO MORAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.** GT: Psicologia da Educação, s/d, p.2-12. Disponível em <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53564100/assedio_moral_no_ensino_superior.PDF?1497767981=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_REBAIXAMENTO_COGNITIVO_A_AGRESSAO_VERB.pdf&Expires=1607574212&Signature=Iqpk1ma12pZAOcMX48rCXGIBOg6eob7RIL7JIUjgwOL4oE4eZ4CCJOopBjyvYoA3CV06-vrX-3Te-KLLyEg96OdrD7b5LRQo5A68RzCkJT8qFXSwsopP8PFphvrn2rfvIYB-tc8n7IKEZiFv5co9W5-jNoEGSmdKHWDddL6rIKz9JQmLtekaNTi2YXRa0u0NIKDBEKtNKvaE0fCacEsWO-oa mVoDDCaQwnIAx3NZRtHzfaZWkpD7-6LHo5fx-WSSUWXqq4LnoH8UEN6wcD58-wCHK-7XUGIMCn8L1cbTUtOZmgqXkspKvClublzFiP66tzWvqv7QXi1kJ-fV6Bq8sw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA> Acesso em: 02/12/2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLINDO, Lidia Pereira. **Assédio Moral nas Instituições de Ensino - Bullying.** 2009, p.2-100.

GOUVEIA, Eloise M. de Lima, et al. ASSÉDIO MORAL: COMPREENSÃO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM. **Rev. enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, 20(2):161-6, abr/jun, 2012.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre : Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.

LEITE, Kiara Maria Aparecida Veras. **ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: DEFINIÇÕES E POLÍTICAS DE COMBATE**. Orientador: Prof. Dr. Hermann Atila Hrdlicka. 2019. 26p. TCC (Graduação) - Curso de Tecnologia em Gestão Pública, Departamento de Gestão Pública, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16563>> Acessado em: 02/12/2020

LIMA, R. DE. Um estigmatizado na presidência do Brasil! Vivam os estigmatizados!. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 2, n. 21, n.p. 20 fev. 2003.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

MONTEIRO, Claudete F. de Souza; FREITAS, Jairo F. de Medeiros; RIBEIRO, Artur A. Pereira. ESTRESSE NO COTIDIANO ACADÊMICO: O OLHAR DOS ALUNOS DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Escola Anna Nery **Revista de Enfermagem**, vol. 11, núm. 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil, pp. 66-72, 2007.

MUNIZ, José Artur; MACHADO, F. Oliveira; VIEIRA, Djuri Tafnes. ASSÉDIO MORAL NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO EM PERNAMBUCO. *In*: VIII Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração. s/d, n.p. **CONVIBRA**, s/d. Disponível em: <<https://silo.tips/download/assedio-moral-na-universidade-um-estudo-de-caso-em-pernambuco-palavras-chave-vio>> Acessado em: 02/12/20

PAIXÃO, R. Brasileiro; MELO, Daniel R. Armond de; SILVA, Jader C. S. Assédio Moral na Relação Aluno-Professor: Uma Análise a Partir do Discurso Coletivo de Professores Universitários. XXXV Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro- RJ, 16p, 2011, **EnANPAD**, 2011.

PAIXÃO, R. B.; MELO, Daniel R. A.; Silva, Jades C. S.; NÉRIS, Jorge S. Por que ocorre? Como lidar? A percepção de professores de graduação em Administração sobre o assédio moral. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 48, n. 3, jul./ago./set., 2013, p. 516-529.

SILVA, C. R. et al. **O USO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO UMA FERRAMENTA PARA A PESQUISA QUALITATIVA: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DO MÉTODO**. Organ. rurais agroind., Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

VILLAÇA, F. de Mello; PALÁCIOS, Marisa. Concepções sobre Assédio Moral: Bullying e Trote em uma Escola Médica. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA**, 34 (4) : 506-514; 2010.

ANEXO A- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Questionário Sócio Demográfico

1. Gênero _____
2. Idade _____
3. Período _____
4. Exerce atividade remunerada (trabalha)? _____

Roteiro Semiestruturado

1. O que você entende por Assédio Moral? O que você sabe sobre esse conceito?
2. Dentro do que você compreende por Assédio Moral, você acredita já ter passado por alguma situação deste tipo dentro do seu contexto acadêmico ou visualizou alguém passar por isso? Essa situação foi causada por alguém em uma hierarquia superior do ponto vista acadêmico?
3. Você acha que esse tipo de situação pode deixar alguma consequência? Percebe alguma em você ou em pessoas que passaram por isso?
4. Como você acha que essas práticas poderiam ser evitadas? Qual seria o papel das instâncias superiores na prevenção a estas práticas?

ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS**, sob a responsabilidade de: Camila Mayara Valdevino da Silva e do orientador Luann Glauber Rocha Medeiros, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

Esta pesquisa justifica sua relevância para fomentar reflexões acerca do tema no ambiente acadêmico, tem como objetivo favorecer o conhecimento sobre a problemática, assim permitindo a identificação de possíveis vítimas, tão quanto analisar os desdobramentos do Assédio Moral no sujeito assediado. Utilizando no método o instrumento de coleta por meio da entrevista semi-estruturada que utiliza de um roteiro para guiar a entrevista. Apenas com sua autorização realizaremos a coleta dos dados.

Será utilizado o instrumento de coleta por meio da entrevista semi-estruturada que mediante um roteiro de perguntas previamente escolhidas guiarão a entrevista, dando abertura para questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Os procedimentos de coleta de dados se dará por meio da entrevista, sendo a mesma gravada mediante autorização.

Essa pesquisa apresenta riscos mínimos, pois há possibilidades de constrangimento e cansaço ao responder as perguntas. No entanto, pretende-se minimizar estes riscos de modo que a entrevista seja dinâmica e demande pouco tempo do participante, bem como garantir um contato seguro e claro, oferecendo sigilo e garantindo sua participação voluntária que pode ser interrompida a qualquer momento. Embora não evidencie benefício imediato, acredita-se que o fato de vivenciar esta experiência pode favorecer o desenvolvimento de processo de autoconhecimento e autoconsciência., conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, **poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares**, cumprindo as exigências da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo. Será oferecida assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, preservando a identidade dos participantes, lhe sendo resguardado a publicação das análises em boletins científicos, cumprindo as exigências da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Este ponto fica evidenciado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos participantes da pesquisa.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

Em metodologia experimental: Vide Resolução 466/2012, IV 4.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com (responsável da pesquisa), através dos telefones XX ou através dos e-mails: XX, ou do endereço: XX. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB e da CONEP (quando pertinente).

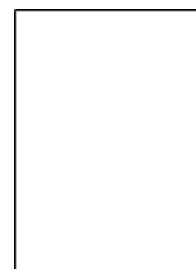
CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa **ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS** e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador



ANEXO C- TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ (TAGV)

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada **ASSÉDIO MORAL NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO DEPOIMENTO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador(a) Camila Mayara Valdevino da Silva a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa (nome completo do pesquisador responsável), e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande ____/____/____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável